

Sesc tv

Outubro/2015 – edição 104
sesctv.org.br/aovivo

FILOSOFIA POP
**REFLEXÕES
SOBRE O
COTIDIANO**

GALÁXIAS
**O LUGAR DO
BRASIL NO MUNDO**

DOCUMENTÁRIO
**O CENÁRIO DO RAP
BRASILEIRO**



Índios em Movimento

Debates e mostra de filmes

Direção e curadoria: Marco Altberg

de 13 a 20/12, às 23h

Foto: Vinicius Sidwe

Verifique a classificação indicativa no site: sesctv.org.br

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SEECTV

UM CONVITE PARA PENSAR

A filosofia nos leva à busca pela sabedoria, problematizando questões fundamentais relacionadas à existência humana, ao conhecimento, à verdade e aos valores morais e estéticos. Para o filósofo Gilles Deleuze, filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos.

O SescTV faz um convite ao pensamento crítico e plural com a estreia da série *Filosofia Pop*, dirigida por Esmir Filho e apresentada por Marcia Tiburi. Em 13 episódios, pensadores contemporâneos participam de um diálogo aberto com o público sobre questões do comportamento humano e da vida em sociedade.

Reflexões sobre a representatividade do Brasil no mundo também compõem episódio inédito de *Galáxias – Olhares Sobre o Brasil*, com direção de Isa Grinspum Ferraz, realizada em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Já a série *Arquiteturas*, dirigida por Paulo Markun e Sergio Roizenblit, discute a relação dos habitantes de Itá, em Santa Catarina, com o passado de sua antiga cidade, inundada para construção de uma hidrelétrica. Na faixa de documentários, *O Rap Pelo Rap*, de Pedro Henrique Fávero, apresenta um panorama do cenário do rap brasileiro.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o diretor Esmir Filho, que conta sua trajetória e comenta a realização do *Filosofia Pop*. O artigo da filósofa Marcia Tiburi apresenta os conceitos norteadores da série. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc em São Paulo

*Capa: Mural O Pensador, Eduardo Kobra
Foto: Divulgação / Senac Tatuapé*

SescTV é o canal de difusão cultural do Sesc em São Paulo, distribuído gratuitamente, que tem por missão ampliar a ação do Sesc para todo o Brasil.

ÍNDICE

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA – Esmir Filho 8

ARTIGO – Marcia Tiburi 10

Qual o lugar do Brasil no mundo?

FOTO: MÍDIA NINJA



O Brasil não precisa ser uma grande potência mundial. Segundo o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, a dimensão territorial do país não justifica essa necessidade. “Por que não podemos ser um país tranquilo, que leva a vida a seu modo, sem encher o saco dos outros...?”, questiona.

Para Viveiros, o Brasil, na ânsia de ocupar um lugar representativo no mundo, está assumindo um papel de opressor, uma espécie de subpotência mundial que hoje oprime os outros, assim como foi oprimido no passado. Esse comportamento se reflete diretamente na forma como o país é visto no exterior, principalmente pelos seus vizinhos. “Pergunte a um paraguaio ou a um boliviano o que eles acham do Brasil para ver o que eles respondem”. E completa: “O destino de grande potência mundial é um destino que eu não desejo para o Brasil”.

Trata-se de uma questão de postura, de como se organizar internamente e se projetar internacionalmente. O dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Jaime Amorim, acredita na importância do desenvolvimento de um olhar para além do viés econômico, construindo uma cultura mais solidária. Para ele, o país cumpre um papel de referência na América Latina, entretanto, não pode estabelecer uma relação estritamente econômica, pois isso seria perverso. “O Brasil pode cumprir outro papel, que é construir e fomentar essa nação latino-americana. Mas para ser latino-americano não basta ensinar espanhol nas escolas. É uma questão de postura, de integração”.

O arquiteto Paulo Mendes da Rocha também é defensor da união dos países latino-americanos em projetos comuns para o desenvolvimento conjunto e a construção da paz. “Não fizemos nada até hoje nessa direção. Tudo isso pode ser uma crítica enérgica porque não fizemos, mas também é uma esperança porque temos o que fazer”.

Em um panorama global, o antropólogo Antonio Risério acredita que o Brasil tem coisas a dizer ao mundo. “Os turcos estão em Berlim há uns 200 ou 300 anos e eles continuam sendo turcos. Nos Estados Unidos, querendo ou não, há quem fale africano-americano, ítalo-americano. Bisneto e trineto de russo na Criméia continuam sendo russos. Você vai criando nações dentro de um país, sem a força de uma identidade. No Brasil, não. No Brasil, depois de 50 anos, todos os italianos eram brasileiros. Isso se dissolve. Esse é um dos modos que a gente tem de se relacionar entre nós que o mundo tem que aprender”.

O Brasil no Mundo é tema do episódio da série *Galáxias – Olhares sobre o Brasil*, que o SescTV exhibe neste mês. A reflexão acerca de importantes aspectos da vida do país nos dias de hoje e suas perspectivas de futuro são o cerne do programa dirigido por Isa Grinspum Ferraz e realizado pelo Sesc em parceria com o IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

PENSADORES BRASILEIROS REFLETEM SOBRE O PAÍS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO INTERNACIONAL

▶ GALÁXIAS OLHARES SOBRE O BRASIL

Quartas, 21h **L**

Identidade Nacional
Dia 4/11

Brasil do Mundo
Dia 11/11

Indivíduos e Comportamento
Dia 18/11

Meio Ambiente
Dia 25/11

Memórias submersas

FOTO: DIVULGAÇÃO



“Vocês estão destinados a serem encobertos pela água da barragem.” Foram essas as palavras que Egílio Paludo ouviu quando informado sobre a construção da Usina Hidrelétrica de Itá, em 1978, época em que era prefeito da pequena cidade catarinense. A água represada do rio Uruguai cobriria toda a área do município. A prefeitura e a empresa estatal Eletrosul, responsável pela obra, se comprometeram em indenizar as famílias e construir uma nova Itá, nos arredores da antiga cidade. Dela, restaram apenas as torres da velha igreja, hoje um cartão postal, que os habitantes não deixaram derrubar, além de muitas memórias.

“Foi um alvoroço, mas depois as coisas foram se acalmando e realmente Itá deu certo, como era de se esperar”, lembra o empresário Alceu Trevisol. Para a professora de geografia Salette Sartoretto, a população do município teve boa receptividade à mudança, passado o susto do impacto da notícia. “Começou então o anseio de querer a casa nova, a cidade nova, planejada. A comunidade ganhou com isso e se sente bem aqui”.

Inaugurada em 1996, a nova Itá foi construída em parceria com a comunidade local, planejando ruas, avenidas, casas e edificações, que mantiveram a estrutura física e a memória da antiga cidade. O ex-prefeito se recorda emocionado do dia em que a velha cidade começou a ser inundada: “Quando se fechou o desvio do rio Uruguai e começou a encher o lago, foi quase como uma romaria daqui para a cidade velha. E assim passaram-se cinco meses, porque a água subia bem lentamente. A população ia e vinha a todo instante.

Todos queriam ir lá ver a água chegar no pé e fazer a despedida final do local onde moravam.”

Com a transposição da cidade, boa parte dos habitantes acabou perdendo o vínculo com o passado da imigração e com o uso do rio como base de sua economia. As relações pessoais na comunidade também se modificaram, principalmente as lembranças históricas e culturais, como afirma Salette. “Essas lembranças ficaram embaixo d’água, porque se perdeu aquele espaço que se construiu, para ter um novo espaço, que trouxe ganhos, sim, na arquitetura, nas edificações, em uma cidade nova com infraestrutura, mas se perdeu também aquele laço da recreação, das pessoas, do encontro no final da tarde, do chimarrão com o vizinho, que era importante e teve de ser recriado nessa cidade.”

Itá, que fica a 550 quilômetros da capital do Estado, Florianópolis, é tema de episódio de Arquiteturas, que o SescTV exibe neste mês. Dirigida por Paulo Markun e Sergio Roizenblit, a série busca diferentes usos e apropriações na arquitetura de diversas cidades, na tentativa de compreender a relação que os brasileiros estabelecem com os espaços urbanos. Em sua segunda temporada, a série apresenta, ainda neste mês, episódios inéditos sobre o Mercado Central de Belo Horizonte (MG), Arcos da Lapa (RJ) e Largo da Batata (SP).

INUNDADA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA HIDRELÉTRICA, ITÁ RESSURGE EM UMA CIDADE PLANEJADA REPLETA DE HISTÓRIAS

▶ ARQUITETURAS

Sábados, 21h **L**

Mercado Central de Belo Horizonte (MG)

Dia 7/11

Arcos da Lapa (RJ)

Dia 14/11

Itá (SC)

Dia 21/11

Largo da Batata (SP)

Dia 28/11

Diáspora da poesia ritmada

FOTO: KARU MARTINS



A palavra *griot*, de origem africana, carrega em seu significado o de homens responsáveis por entreter, informar e educar através de suas histórias e de seu canto. Assim também são os rappers, cantores da informação e conscientização, que utilizam como matéria-prima de sua arte a poesia e ritmo (*Rhythm And Poetry*, em inglês).

Para o músico brasileiro Rael da Rima, o rap, encontrado em diversas partes do mundo, é “fragmento da diáspora africana” ocorrida durante o período colonial. Parceira no estilo musical, a rapper Karol Conká acredita na representatividade do gênero como libertação. “O rap representa pra mim, primeiro de tudo, libertação. É onde me senti mais à vontade para falar o que eu queria e, em outros estilos musicais, jamais poderia falar”, explica a cantora.

Kleber Cavalcante Gomes, o Criolo, um dos principais nomes da cena atual, começou a cantar rap em 1989 e foi um dos criadores da Rinha dos MC’s, encontro dedicado às batalhas de improvisação entre seguidores da cultura hip hop. Para ele, “o verbo é falho. Qualquer coisa que eu falar vai diminuí-lo. Eu não estou à altura do rap. Mas posso te dizer que foi o que me abraçou e falou que eu era capaz de sorrir. E sorrir no mundo em que a gente vive hoje é algo ex-

tremamente agressivo”. Assim como o músico, muitos companheiros relatam o poder do rap de mudar vidas, como uma escola, onde há a possibilidade de se expressar e de utilizar a música como uma ferramenta de conscientização social e de transformação.

O respeito pelos pioneiros do estilo no Brasil é visível na relação entre eles e a nova geração, que os considera professores na arte de rimar. Sempre que possível, dividem o palco e atuam lado a lado na produção musical. “A gente vê Mano Brown no show do Criolo e do Emicida, o Dexter no Pentágono...”, comenta Sandrão RZO. Com o passar do tempo, as letras também se modernizaram, quebraram barreiras e ampliaram suas temáticas. “O tempo bom também é digno de virar música”, defende DJ Erick Jay, do Clã Leste DJs. “Mas espera-se que seja sempre crítico”, conclui.

Muitos rappers acreditam que o grande problema do gênero é ser estigmatizado como uma cultura marginal, pobre e periférica, em um sentido claramente pejorativo. Para outros, o maior preconceito vem de dentro do próprio movimento, em decorrência de diferentes estilos e influências. “Quem ouve Racionais pode ouvir Zeca Pagodinho, pode gostar de Bob Marley, não existe verdade absoluta”, diz Mano Brown.

Diante da multiplicidade de olhares sobre o rap, o diretor Pedro Henrique Fávero reuniu 41 entrevistas com produtores e rappers no documentário *O Rap Pelo Rap*, que conta história do estilo musical no Brasil. Com 75 minutos de duração, o filme faz um mapeamento da cultura hip hop no país, abordando o ritmo, o comportamento, o mercado, a participação na mídia e o preconceito enfrentado pelos artistas.

REPRESENTANTES DA CULTURA HIP HOP NO BRASIL COMENTAM A HISTÓRIA DO RAP NO PAÍS E TRAÇAM UM PANORAMA DA PRODUÇÃO NACIONAL

▶ DOCUMENTÁRIO

O Rap pelo Rap
(dir.: Pedro Henrique Fávero)

Dia 20/11, às 23h **12**

O exercício do pensamento

FOTO: ALEX RIBEIRO



O que é Deus? Qual é sua função na vida do homem? Questionamentos como esses, presentes de diversas formas no cotidiano das pessoas, não se restringem a uma discussão acadêmica, religiosa, ou ainda a um debate dicotômico entre crentes e ateus. São questões fundamentais, ao mesmo tempo simples e complexas, que extrapolam o campo da fé na tentativa de compreender o comportamento humano na atualidade.

Segundo Marília Fiorillo, autora do livro *O Deus Exilado* e professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Deus já ocupou o centro das preocupações humanas, na antiguidade. No século XX, “Deus sai um pouco de moda e, em alguns casos, é substituído por regimes totalitaristas como o nazismo e o stalinismo, na Europa”. Para Marília, até mesmo a ideia de bondade atribuída a Deus pode ser questionada: “a existência de um continente inteiro como a África é a prova da ausência de Deus”, opina. Marília acredita, no entanto, ser impensável um mundo sem a ideia da existência de Deus, ponto de vista que é compartilhado também por Gustavo Bernardo Krause, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e autor do livro *A Ficção de Deus*.

Krause considera que o homem foi feito para acreditar em Deus. Ateu convicto, o professor reconhece e respeita a crença das pessoas, mas alega que o ateísmo é visto como algo antinatural e que a denominação em si já é pejorativa. “Nas religiões fundamentalistas, o ateísmo é punido com morte”, afirma. Segundo ele, para o mundo cristão, os ateus parecem representar uma ameaça ao próprio Deus. “O problema é a questão de grupo. Talvez o problema seja a religião, não Deus”, conclui.

Deus é tema do episódio de estreia da série *Filosofia Pop*, que o SescTV exhibe aos domingos, a partir do dia 22

deste mês. Com roteiro e apresentação da filósofa Marcia Tiburi e direção de Esmir Filho, o programa convida pensadores contemporâneos para dialogar abertamente entre si e com o público sobre temas como ética, drogas, felicidade e família, entre outros. Com 13 episódios e uma hora de duração, a série propõe levar discussões filosóficas a um público heterogêneo e plural, aproximando esses temas da vida cotidiana, com referências a pensadores contemporâneos e diferentes dimensões do conhecimento. Para a idealizadora do projeto, Marcia Tiburi, a intenção é tirar do ambiente exclusivamente acadêmico o debate sobre questões do comportamento humano e da sociedade, aproximando a filosofia das pessoas interessadas no exercício do pensar (leia entrevista com Esmir Filho na página 8 e artigo de Marcia Tiburi na página 10 desta edição).

SÉRIE APROXIMA A FILOSOFIA DO PÚBLICO PARA REFLETIR E DEBATER SOBRE QUESTÕES COTIDIANA

▶ FILOSOFIA POP

Domingos, 20h **L**

Deus

Dia 22/11

Ética

Dia 29/11

A expedição do olhar

FOTO: ADAUTO PERIN



ESMIR FILHO, quando criança, criava suas próprias histórias e pedia a seu pai que as contasse para fazê-lo dormir. A paixão pela criação ou pela transformação das coisas que tinha vivido ou ouvido amadureceu e o levou a fazer cinema. Quando assistiu ao filme *Noites de Cabiria*, de Federico Fellini, teve a sensação de que imagem e som podiam tocar alguém e a certeza de que era por esse caminho que queria seguir. Estudou, dirigiu vídeos experimentais e curtas-metragens, como o hit *Tapa na Pantera* e *Alguma Coisa Assim*, que conquistou o prêmio de melhor roteiro no Festival de Cannes, em 2006. Com seu primeiro longa, *Os Famosos e Os Duendes da Morte*, ganhou o Festival do Rio, em 2009, e conquistou diversos prêmios nacionais e internacionais. Na TV, dirigiu a série *Tudo O Que É Sólido Pode Derreter*, exibida pela TV Cultura de São Paulo, e a série *Filosofia Pop*, realizada pelo SescTV.

“FAZER CINEMA É MUITO ÍNTIMO, PORQUE PARTE DA SUA PRÓPRIA INQUIETAÇÃO, DE UM DELÍRIO SEU QUE SE TORNA UM DELÍRIO COLETIVO”

O que é fundamental para se fazer cinema nos dias de hoje?

O mais importante, sem dúvida, é a formação do olhar. Aproveitei muito da estrutura da faculdade e dos exercícios propostos pelos professores para poder realizar meus primeiros trabalhos, mesmo que fossem experimentais, porque para mim cinema é exercício. O meu grupo era muito interessado. Trocávamos filmes, discutíamos sobre eles, faltávamos às aulas para ir às mostras. A faculdade é um meio de exercitar, é o espaço de trabalhar em equipe, de discutir, de usar os meios de produção e usar as ideias como gatilho. Cinema é o exercício do olhar.

A repercussão de seus primeiros trabalhos o ajudou a produzir seu primeiro longa-metragem, *Os Famosos e Os Duendes da Morte*?

O que me ajudou a fazer meu filme foram os festivais de cinema, porque eles são um ingresso: você entra, ganha e aí é chamado para mais trabalhos. Os festivais gostam de formar pessoas. Conheci a produtora Sara Silveira em festivais, através dos meus curtas, e também José Carlos Oliveira, que na época trabalhava na Warner e foi quem me bancou. Ele gostava muito do meu trabalho, sabia que eu tinha alguns projetos e queria experimentar. Apostou e me deu liberdade, eu queria fazer um filme em que acreditasse. Ele foi muito aberto. Tanto que *Os Famosos e Os Duendes Da Morte* tem um tempo próprio, uma experimentação de imagem e som. Eu me senti muito livre em fazê-lo e talvez nunca mais tenha essa oportunidade, porque era uma época em que as produ-

toras ainda experimentavam muito e os distribuidores não sabiam o que ia fazer sucesso. Agora eles sabem o que dá grana certa, em um drama ou comédia. E eu sei disso porque estou sentindo muita dificuldade com o segundo longa.

Do cinema você foi para a televisão e o teatro. Como é dirigir para diferentes plataformas?

Cinema é uma expedição, é uma questão de tempo. Você vai levar uns anos da sua vida entendendo e amadurecendo seu projeto. Fazer cinema é muito íntimo, porque parte da sua própria inquietação, de um delírio seu que se torna um delírio coletivo e faz com que todo mundo entre no mesmo barco. Isso também acontece com o teatro, mas há algo nele que me incomoda, que é sua finitude. Teatro é temporário. Quem viu, viu, quem não viu não vê mais. Tem gente que gosta disso, do momento. Eu gosto de posteridade, de ver, rever. Eu gosto muito do *feedback*. Talvez por isso prefira o audiovisual. Mas seja qual for a plataforma, o papel do diretor é manter a harmonia do grupo.

Como foi dirigir para a televisão?

Dirigir para TV foi algo diferente para mim, pois foi a primeira vez que eu me abri para o sonho de outras pessoas. Por exemplo, eu trabalho muito com a minha irmã, Sara Oliveira. Ela já era da TV e tinha essa vontade de criar os próprios programas. Então, aproveitamos a implantação da Lei da TV por assinatura, quando todos estavam abertos a novas produções e precisavam de novas ideias. Na TV eu consegui canalizar, construir e desenvolver o desejo do outro. Desejo do outro, em encontro ao meu. Consegui produzir alguns projetos com a Sara para a GNT, como o *Viva Voz* e o *Calada Noite*. Depois vieram outros com outras pessoas, como o *Filosofia Pop*, com a Marcia Tiburi.

De onde partiu a ideia do Filosofia Pop?

Conheci a Marcia Tiburi através de um amigo, o Ismael Caneppele. Conversamos bastante, sobre vários assuntos, mas principalmente sobre como poderíamos levar essas discussões contemporâneas, e ao mesmo tempo atemporais, com um viés mais filosófico para a TV. Queríamos fugir dos formatos já existentes, em geral acadêmicos e formais, um pouco antiquados, que nos incomodava. Nosso desejo era fazer algo mais pop, que discutisse o estar hoje no mundo e conseguisse tomar distância para refletir. Então, começamos a desenvolver em conjunto.

Como se deu a escolha do formato do programa?

A primeira coisa que a Marcia falou era que ela queria discutir abertamente os temas com as pessoas e que os convidados estivessem próximos do público, mas em um ambiente que não fosse convencional. Então sugeri sairmos do estúdio e ela apoiou a ideia. Quando fechamos o contrato com o Sesc, fomos visitar as

unidades em busca de locais para gravar. Procuramos lugares que tivessem alguma relação com os temas dos episódios, para que eles fossem potencializados. *Deus*, por exemplo, foi gravado em escombros, durante a reforma de uma cozinha no Sesc Interlagos. *Família* foi em uma oficina de cerâmica, no Sesc Pompeia. Gravamos o episódio *Futebol* em um vestiário. Enfim, acredito que o espaço diz muita coisa. Isso conduziu os bate-papos, mesmo que inconscientemente.

No ponto de vista da linguagem, como um diretor consegue traduzir o conceito de um projeto para uma determinada plataforma?

Acho que a plataforma já está prevista no desenvolvimento do projeto. Por já ter trabalhado com teatro, cinema e televisão, hoje consigo analisar em qual dos meios a ideia funcionará melhor e como tem que ser a abordagem. Por exemplo, um tema como filosofia. Eu posso fazer um documentário, que vai atingir um determinado nicho. Mas acho muito mais legal falar sobre filosofia na TV que, aliás, está precisando disso, e pode alcançar um público maior.

Como você analisa a internet e a produção audiovisual contemporânea?

Desde que comecei a fazer cinema, as coisas mudaram muito rápido. Eu vejo a internet como agregadora. Hoje, muitas coisas são produzidas e podem ser distribuídas online também. As de boa qualidade continuam sendo proporcionalmente poucas. Só que agora a criação não fica só na mão de quem detém os meios de produção. Isso é muito bom. Ao mesmo tempo em que aparece muita coisa descartável, a gente tem a possibilidade de descobrir trabalhos maravilhosos também.

Quais são seus projetos futuros na televisão e no cinema?

Estou trabalhando há cinco anos no projeto do filme *Baleia (Verlust)*. Estamos na fase final de captação. Além dele, há outro roteiro em desenvolvimento e um trabalho para rodar na Amazônia. Você tem que tomar cuidado para não ter muitos projetos ao mesmo tempo, ou ter só um também, porque quando ele acaba te dá um vazio. Por isso, tenho a minha produtora, que desenvolve e produz outros trabalhos. Alguns eu faço direção geral, como no caso do *Filosofia Pop*, outros eu apenas produzo. Assim, a gente trabalha com diferentes formatos e se diversifica como produtores de conteúdo.

“EU GOSTO DE POSTERIDADE, DE VER, REVER. TALVEZ POR ISSO PREFIRA O AUDIOVISUAL. MAS SEJA QUAL FOR A PLATAFORMA, O PAPEL DO DIRETOR É MANTER A HARMONIA DO GRUPO”

A Filosofia Pop

A expressão Filosofia Pop é ouvida pelo menos de dois modos hoje em dia. Para quem tem simpatia pelo universo do “pop” a associação com a filosofia pode soar curiosa. Já quem se dedica a estudar filosofia com cuidados históricos e epistemológicos sente, no mínimo, certo desconforto quando ouve a reunião dos termos “filosofia” e “pop”.

Antes de concordarmos ou não com o que possa vir a ser Filosofia Pop, temos que saber que ela se tornou um fenômeno que merece cuidado filosófico, como qualquer tema ligado à cultura. Não podemos nos negar à reflexão sobre o tema, o que significa, sem preconceitos, prestar atenção nele tendo em vista justamente o que nos incomoda. O preconceito não será incomum. Mas mesmo em certos contextos do campo acadêmico, berço dos preconceitos intelectuais, a seriedade da investigação, substituindo a crítica abstrata, faz da Filosofia Pop um objeto de estudos como outro qualquer. Há várias pessoas estudando seriamente a Filosofia Pop.

Não será possível compreender o que vem sendo chamado de Filosofia Pop se não estivermos atentos para uma armadilha na qual a filosofia, como qualquer área, cai com facilidade. Trata-se da armadilha da “distinção”, no sentido de Pierre Bordieu, relativamente à “nobreza acadêmica”. Quanto a isso, podemos dizer que a necessidade que o campo filosófico tem da distinção da filosofia em relação a outras áreas atrapalha, de certo modo, o avanço da própria filosofia.

Mas a questão da distinção nos coloca diante de outros problemas profundos e pouco levados a sério. Um deles diz respeito às fontes implicado diretamente na questão da nobreza. Filosofia Pop é um modo de pensar filosófico, ou seja, um método, que se faz questionando a necessidade da nobreza das fontes. Em outras palavras, se a filosofia tradicional é feita a partir dos textos de filósofos de uma determinada tradição, a filosofia pop é aquela que, em um sentido muito simples, se realiza a partir de outros textos, não apenas da tradição greco-latina. Ela tem relação direta com a filosofia crítica enquanto está atenta aos conteúdos obscuros de sua época, enquanto eles são culturais. A Filosofia Pop é uma filosofia da cultura atenta aos conteúdos desprezados de um tempo. Em nossa época, estamos obrigados a pensar na questão da indústria cultural. Podemos dizer que a Filosofia Pop é a filosofia crítica da indústria cultural que assume o padrão de produção da cultura de nossa época para compreendê-lo.

Na Filosofia Pop, prepondera o método. À pergunta “como fazer filosofia?”, ela responde: a partir de fontes não usuais e dos conteúdos do seu próprio tempo. Em termos bem simples, a Filosofia Pop é uma filosofia do contemporâneo com alto teor de experimentação dialógica com outras áreas de pesquisa, com as artes, com outras fontes, com outros métodos. A Filosofia Pop se faz a partir da vida em seu sentido político e cultural. Com a filosofia pop está em jogo o que a filosofia pode e deve pensar, o que pode se tornar “assunto filosófico”.

A Filosofia Pop é aquela que se deixou afetar pelo pop. De que pop falamos? Há pelo menos dois tipos de pop. Conforme a classificação de Charles Feitosa, autor de um texto seminal sobre a questão, o Pop I está ligado ao campo cultural do pop, relacionado também à Pop Art e interessa enquanto maneira de fazer filosofia, já o Pop II está ligado ao sucesso puro e simples, e não interessaria como maneira de fazer filosofia.

Mas o que chamamos hoje de Filosofia Pop tem também uma pré-história. A Filosofia Pop pode ser considerada a herdeira histórica da área da estética filosófica, aquela que se ocupou de certos conteúdos desprezados pela razão e pela teorização tradicionais, a saber, o corpo e a arte. De todas as subáreas da filosofia, a estética é a mais interdisciplinar, aquela que mais se relaciona com outras teorias e que permite as investigações e a criação das metodologias mais ricas, o que acontece em conjunto com a ética, a política, a epistemologia, a filosofia da linguagem e, não é exagero dizer, também com áreas tão novas como a filosofia multicultural.

Para além da história da filosofia, sem esquecer dela, a filosofia experimenta hoje uma autotransformação importante. Essa transformação a aproxima das formas da cultura e da vida cotidiana, tanto mais vazias de pensamento, quanto mais a filosofia se esquece delas. A Filosofia Pop é a proposição altamente filosófica de um diálogo da filosofia com seu tempo, tendo em vista as formas de viver e pensar das pessoas que constroem seu tempo. Nisso, a intenção da Filosofia Pop é devolver o pensamento às pessoas para que elas possam integrá-lo às suas vidas.

Marcia Tiburi é filósofa, escritora, professora do programa de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie e apresentadora da série *Filosofia Pop*, exibida pelo SescTV.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: DIVULGAÇÃO



TRAMAS DO MOVIMENTO

O dançarino e coreógrafo Ivaldo Bertazzo revela a relação entre corpo e movimento no documentário *Infinito Movimento*, que o SescTV exhibe no dia 13/11, às 23h. Realizado pelo Sesc e disponível pelo Selo Sesc, o filme aborda a necessidade de se compreender as funções motoras e psíquicas do corpo, do nascimento até o envelhecimento. Para Bertazzo, entender o amadurecimento e o desenvolvimento dessas funções possibilita movimentar-se e praticar atividades físicas, como uma interessante trama entre nosso corpo e nossos sentidos. **L**

FOTO: PIJU DDP



PARA GOSTAR DE LER

O universo da literatura e suas peculiaridades são temas da série *Super Libris*, de José Roberto Torero. No dia 2/11, o jornalista e escritor Xico Sá conta o que são crônicas de costumes, além de apresentar importantes cronistas brasileiros, em *Crônicas de Costumes e os Costumes da Crônica*. O artista plástico Nuno Ramos explica porque é importante experimentar na literatura, em *Quem Experimenta Põe Pimenta* (dia 9/11). Ainda neste mês, *Literatura e Mercado, Amigos ou Inimigos?*, no dia 23/11, e *Diálogos, Triálogos e Poliálogos*, no dia 30/11. Segundas, às 21h. **L**

INSPIRAÇÕES RÍTMICAS

O maestro Erlon Chaves é homenageado, neste mês, no Instrumental Sesc Brasil, em show inédito do compositor e guitarrista Max de Castro gravado ao vivo no Sesc Consolação. O repertório revisita as fases do maestro e traz bossa nova, sucessos de rádio, trilhas sonoras e sambalço, com músicas como *Afrosamba* e *Você Abusou / Samba de Uma Nota Só*. Ainda neste mês, episódios inéditos com os grupos *Guizado* (dia 1/11); *Clube de Bolso* (dia 8/11), *Guilherme Kastrup* (dia 15/11) e *Lupa Santiago e Paulo Braga* (dia 29/11). Sempre às 21h30. **L**

REFLEXÃO POÉTICA

O SescTV exhibe, no dia 25/11, às 22h, show inédito com o grupo de rap *Elo da Corrente*, gravado no Sesc Vila Mariana. O trabalho dos músicos é marcado por uma mescla entre a poesia ritmada do rap, ritmos remixados pelo DJ PG e sons sinfônicos da Orquestra de Cordas. Temas como a atual crise hídrica no Estado de São Paulo estão em composições como *Salutaris*. No repertório, também estão *Sobre o Infinito e Outras Coisas, Batucada, e Ave Liberdade*. **L**

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesctv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães

Redação: Adriana Reis e João Cotrim
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Administração: Carlos Padilha
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi
Estagiária: Carolina Pulice

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesctv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesctv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista à programação do SescTV ao vivo.

ESTILHAÇOS

reflexões sobre a ética no cotidiano

direção: Kiko Goifman

estreia dia 3/12, às 22h

Verifique a classificação indicativa no site:
sesctv.org.br

Assista online: sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV